

TEATRO E A ESCOLA: funções, importâncias e práticas¹

*Juliana Lourenço Miranda
Robson Cândido Elias
Rômulo Mendes Faria
Valquíria Lazara da Silva
Wanély Aires de Sousa Felício²*

RESUMO:

O presente artigo configura um estudo a respeito das práticas teatrais, suas funções primordiais, além de suas aplicabilidades no ambiente escolar, cuja utilização constitui importante ferramenta pedagógica.

Palavras-chave: teatro, arte, educação, práticas pedagógicas, jogos

Introdução

O teatro é, antes de qualquer coisa, uma arte. Mas é uma arte que se associa à história do homem e à própria história da comunicação humana, vez que se configura uma arte híbrida, envolvendo literatura e encenação. Diacronicamente, percebemos sua presença desde a Antiguidade Clássica, no decorrer dos períodos de descobertas e catequeses, com os missionários jesuítas, até os dias atuais. Como se pode perceber, mesmo com o advento da tecnologia, o teatro continua causando encantamento e, por isso, concretizando de maneira única o aprendizado, seja de ordem informativa ou cultural.

Não obstante, observamos que, quando o professor se propõe a fazer uso dessa técnica em sala de aula, ele esbarra em alguns questionamentos que devem ser respondidos com antecedência, de modo a evitar que essa atividade se transforme, equivocadamente, em um instrumento de opressão e de inibição. Uma vez que, segundo afirma NAZARETH (2009):

A arte é libertária e o teatro é, sem dúvida, das Artes, expressão libertária por excelência. A possibilidade de “re-viver” sentimentos e situações sem barreiras de tempo e espaço, de presenciar fatos de verdade ocorridos ou apenas existentes no imaginário do autor, possibilita resgate do indivíduo e da sociedade.

Isso significa que, como primeiro passo para esse tipo de trabalho, o educador deve ter bem definido em sua concepção quais os princípios fundamentais que regem a prática teatral.

¹ Artigo entregue para conclusão da disciplina Literatura – Infante Juvenil na Especialização Leitura e Ensino, pelo Departamento de Letras pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão UFG/CAC ministrada pela Prof^a. Dr^a Maria Imaculada Calvante.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Portuguesa pela Associação Jaboticabalense de Educação e Cultura. Docente no Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC).

O que é uma peça de teatro; como é a linguagem desse tipo de texto; qual a função do teatro na escola; que elementos compõem esse tipo de técnica; enfim, como avaliar esse tipo de prática.

É bem por isso que o presente trabalho propõe um estudo do teatro como ferramenta de ensino ou mesmo de estímulo ao aprendizado. Para tanto, utilizamos como suporte teórico autores que têm contribuído, com suas pesquisas e experiências educacionais, na conscientização da importância de se utilizar esse mecanismo didático e alcançar, assim, resultados mais concretos na educação. São eles: Olga Reverbel (1993), Paulo Coelho (1978), Sábato Magaldi (1976), Massaud Moisés (1987) e José Antonio Dominguez (1978) .

1. A definição e a história em favor da função e da importância do uso do teatro na escola

O questionamento que se levanta em torno da função e da importância de se utilizar o teatro na escola faz com que haja a necessidade de abordarmos, de modo geral, os aspectos mais relevantes a respeito dessa arte, quanto à definição e à evolução do teatro no decorrer dos tempos. A bem da verdade, entendemos que conhecer a definição e a trajetória histórica do teatro já se constitui um caminho para a compreensão da importância e da função desse instrumento dentro do espaço escolar.

O teatro, etimologicamente, é de origem grega, nasceu no século V a.C., como culto ao deus Dionísio. Significava lugar onde as peças eram encenadas e apreciadas pelo público. A primeira ideia que se teve do teatro é que ele era um edifício, constituído de um palco, lugar destinado à apresentação das mais diversas peças e para uma plateia. Posteriormente, o teatro passou a designar não só o espaço físico, mas também a arte da interpretação.

Conforme o teórico Magaldi (1986) denomina, a tríade essencial do espetáculo teatral é: “ator, texto e público”, sendo que o teatro, enquanto espetáculo, existe apenas “quando o público vê e ouve o ator interpretar um texto.” (MAGALDI, 1986, p.8). Podemos, então, compreender que é essencial e inegável que uma encenação gire em torno de alguém, o qual se prestou a apresentar, por meio de encenação, um texto previamente escrito. O ator, na maioria dos casos, é o centro das atenções, podendo haver exceções, como no teatro de fantoches ou mesmo nos títeres com os seus bonecos falantes. Inegável e indiscutível é a necessidade de uma voz para se dar “vida” ao espetáculo.

Já o texto precisa, basicamente, ser construído de modo a buscar e prender a atenção do público. E nessa tarefa árdua de construção textual verificamos a criatividade empregada pelos autores na construção dos mais variados personagens, inseridos ficcionalmente nas mais

diferentes situações, geradoras de conflito. Criatividade esta que, de acordo com COELHO (1978), é inata de todo ser, já que todo indivíduo é potencialmente criativo, diferenciando-se de outros animais. No caso dos autores, especialmente aqueles ligados à literatura direcionada para o público infanto-juvenil, essa criatividade deve ser coerente e trabalhada, tendo por base alguns princípios distintos: o produtivo, o expressivo, o inventivo, o inovativo, e, por fim, o emergente.

O texto teatral é classificado, tradicionalmente, em dois gêneros: a tragédia e a comédia. Sendo que a tragédia consiste em narrar acontecimentos que levam a uma fatalidade como, por exemplo, mortes ou situações desagradáveis. Sendo que uma das conseqüências recorrentes desse tipo de espetáculo é o efeito da catarse que, segundo Aristóteles, trata-se da purificação das almas, do alívio das duras penas, ocasionado pela carga dramática e emocional dos personagens envolvidos no espectador.

Já a comédia, construída sobre o preceito latino “ridendo castigat mores” (Rindo, castigam-se os costumes.), quer provocar o efeito do riso às custas da ridicularização do(s) personagem(s). Esta traz uma crítica tanto de ordem social, como também política ou religiosa. Gerando, pois, no espectador, a reflexão sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Ato imprescindível para uma convivência social acima da alienação imposta pelo sistema, configurando-se, assim, como uma das funções do teatro.

Por ser o teatro uma forma de expressão que permite a alguém presenciar um fato acontecido em qualquer tempo e lugar, já que ali se “revive” o sentimento do acontecido, os personagens têm sua personalidade reconstituída através do entendimento do próprio texto. A função do texto deve, pois, ser compreendida e vivenciada, sua premissa percebida e trabalhada como uma forma de leitura do mundo.

O trabalho teatral também se sustenta, quanto aos seus segmentos, em uma seqüência lógica dos fatos narrativos, _construído por meio de cenas e atos, que promovem, ao final da leitura e discussão do texto, a identificação das características e das funções dos personagens dentro da história.

A encenação da peça leva em consideração o espaço, ou seja, o lugar em que acontecerá a dramatização, e o tempo que consistirá o quando da dramatização, tempo em que a narrativa está contextualizada e tempo de duração da apresentação. Estas marcações são de fundamental importância para situar o espectador, para que o mesmo entenda os eventos que se desenrolarão na cena, bem como o seu contexto.

No decorrer dos séculos, essa classificação rígida de gêneros ganha novas nuances e, como ocorre de modo geral com a arte literária, hibridiza-se. Como exemplo, citamos William

Shakespeare (1564 – 1616) que conseguiu ir além desses dois tipos de gêneros. O grande autor promoveu uma mistura, aproximando-os de uma perspectiva um pouco mais cotidiana, nomeando o novo texto de drama.

A História também pode servir de aparato de compreensão sobre importância e função do teatro como ferramenta para o educador. Do teatro grego até o expressionista, pode-se perceber que cada período histórico, dá um contorno específico para o teatro, em relação ao espaço cênico ou à quantidade de personagens, por exemplo. Tudo, no âmbito teatral, é bastante significativo em relação ao tempo/espaço que a peça é representada.

No teatro grego, conforme cita REVERBEL (1993), a máscara era utilizada como forma de concretizar a separação ator/personagem. Já que se acreditava na criação como uma dádiva dos deuses, o ator era um mero executante. Apenas mais tarde, na cultura ocidental, é que se percebe a aproximação do ator às características do personagem, caracterizando uma simbiose artística. Além do mais, a máscara e demais adereços de figurino eram usados para que os personagens pudessem ser construídos segundo o enredo, uma vez que só havia homens envolvidos na atuação.

No período conhecido como expansionista, séculos XV e XVI, a ação do teatro foi nitidamente pedagógica, em virtude de sua utilidade nas missões jesuítas, em que missionários pregavam o ideal contra-reformista por meio da mímica e até mesmo via texto teatral, em que os próprios nativos encenavam como forma de aprendizagem, aliás, muito eficiente, dos valores da catequese católica. O Auto de São Lourenço, do Padre José de Anchieta, é um exemplo de teatro pedagógico.

Era um hábito comum do século XIX a elite frequentar os teatros após uma farta ceia, pois era uma diversão ver as peças famosas sendo encenadas, com suas produções e figurinos suntuosos. O teatro, a partir daí, ganha *status* de espetáculo, competindo talvez com as apresentações de circos e, bem depois, com o cinema, o qual ocupa importante lugar no *ranking* de exibições da modernidade configurada no século XX.

Mas com o passar do tempo e o surgimento das novas tecnologias, das máquinas a vapor, fruto da Revolução Industrial, e, posteriormente, do cinema e da televisão, o teatro passou a sofrer uma influência desses veículos, de modo que alguns programas ou filmes passaram a adotar moldes de interpretação do teatro. Um exemplo disso são as *sitcoms*, termo americano para as comédias de situação seriadas, passadas num palco, às vezes, de um único cenário. É o caso de *Friends*, *Mad About You* (Louco por você) entre outros; os filmes musicais inspirados na Broadway nos EUA. Até no Brasil, encontramos programas com este

formato. Como o famoso programa da Rede Globo de Televisão *Sai de Baixo* e as produções cinematográficas do extinto estúdio Vera Cruz.

Como se pode perceber, a função do teatro, de maneira ampla, é a de causar reflexão e purificar, por meio de catarse, o espírito do homem. Sua importância se reafirma pelo aprofundamento do ser reflexivo e social.

Função e prática do teatro na escola

Ensinar o conteúdo disciplinar, atualmente, não é a única função da escola. Enquanto instituição formadora, ela deve viabilizar formas de acesso ao lazer, à cultura, às práticas esportivas e até questões religiosas, permitindo a integração mais efetiva dos alunos na sociedade.

Nesse sentido, o teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola. Além disso, sob a perspectiva de obra de Arte, o teatro também incomoda, no sentido filosófico, porque faz repensar e querer modificar a realidade instaurada. Ademais, possui caráter lúdico e constitui-se como forma de lazer.

Há muitas maneiras de se trabalhar teatro nas escolas, mas o que se tem visto é a banalização desta forma artística no uso reiterado em datas históricas comemorativas, sem um objetivo de fato pedagógico. Por isso, destacamos, aqui, duas maneiras de fazer o uso do teatro na escola, tendo por base estudos advindos de experiências didáticas.

Segundo Reverbel (1996), o teatro não deve ser realizado no formato de espetáculos, em que as crianças apresentam uma peça previamente ensaiada para um público. Já que esse tipo de atividade gera, segundo a autora, uma expectativa por parte desses espectadores sobre o aluno. Pais, professores e colegas acabam esperando um desempenho profissional e na escola não há atores, há alunos desempenhando função lúdica, proposta como atividade didática.

De acordo com a autora, o teatro deve ser explorado pelo educador dentro do espaço da sala de aula e com objetivo primeiro de desenvolver: as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas. As atividades dramáticas

(mímicas, jograis, improviso, recriação etc.), nessa perspectiva, são um valioso instrumento para o professor.

Entretanto,

O professor deve adaptar as atividades e ordem de aplicação de cada conjunto às condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo. (REVERBEL, 1996, p.: 25)

Numa perspectiva diferente, Dominguez (1978) destaca sua experiência positiva com espetáculos teatrais no ambiente da escola, afirmando que a “produção de peças é uma das formas que a atividade “teatro na educação” pode assumir.” E que, ainda que o professor que trabalha com o teatro enfrente problemas como número de aulas insuficientes para o desempenho de um bom trabalho, classe inteiras e com grande quantidade de alunos, o preconceito com a atividade artística, tida como empecilho para outras atividades intelectuais, essa é uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento social, intelectual e cultural do aluno.

Em conformidade com a autora citada anteriormente, Dominguez considera que, ao se trabalhar com teatro na escola deve-se ter como objetivo levar os alunos a desenvolver características fundamentais para o melhor desempenho escolar como: espontaneidade, aceitação de regras, criatividade, auto-conhecimento, senso crítico, raciocínio lógico, intuição, conhecimento do grupo e de si próprio e do conhecimento do ambiente.

No entanto, o autor alerta para a dificuldade de se trabalhar como esse tipo de técnica, sugerindo que para alcançar tais objetivos o professor que se propuser a trabalhar com teatro, deve desenvolver suas atividades de modo que os alunos estejam sempre motivados, produzindo efeitos positivos como a emancipação e iniciativa na realização de atividades dentro e fora da escola. Com isso, estabelecer formas de motivação proporcionada com excesso de imposição de disciplina e privação da liberdade de ação ao aluno, poderá acarretar problemas de ordem social (aluno-professor-escola).

A experiência exposta por Dominguez como uma eficiente forma de se trabalhar o teatro na escola, sugere delegar aos alunos a função de liderança no grupo, ficando o professor como mediador da tarefa, auxiliando os alunos na resolução dos conflitos que eles não saibam superar, à medida em que forem aparecendo. Pois para este autor,

Aonde o professor se torna indispensável é justamente em clarear, em levantar, em resolver as barreiras emocionais que o grupo encontra e que impedem que o trabalho se desenvolva de uma forma harmônica.”(Dominguez 1978,p. 21)

Como se pode perceber, esse tipo de aplicação do teatro depende do cuidado e do bom senso do educador, o qual deve estar, antes de qualquer coisa, preparado intelectual e pedagogicamente para as técnicas dos trabalhos dramáticos, inclusive, no momento da avaliação que, segundo Dominguez (1978) “é uma tarefa complexa, uma vez que os pontos de referência de desempenho da atividade são muito subjetivos.”

Em ambas as teorias pesquisadas para este trabalho, fica evidente que o teatro possui múltiplas possibilidades de aplicação, basta apenas que o professor saiba como utilizá-las e conseguirá desenvolver as habilidades citadas.

Os jogos de RPG como proposta didático-pedagógica para o público da modernidade

Como vimos, é sabido que o teatro é uma das práticas mais antigas de expressões artísticas que se tem notícia. O qual consiste na encenação de um texto previamente escrito, num palco, para um público. E em conformidade com estas afirmações, podemos estabelecer uma relação entre o antigo teatro com os famosos jogos de RPG (Role Playing Game), ou melhor dizendo, Jogos de Interpretações de Papeis, muito popular entre crianças, adolescentes e até adultos.

Esta prática teve origem em 1974, com a criação do jogo *Dungeons & Dragons* (D&D) que em português significa Masmorras e Dragões, os donos da ideia foram Gary Gygax e Dave Arneson. Inicialmente, o D&D fazia parte de um outro jogo de peças em miniatura denominado *Chainmail* (cota de malha). Com todo esse sucesso, acabou por originar um novo jogo conhecidíssimo no mundo inteiro. E, embarcando neste sucesso, até se tornou um desenho animado, *Caverna do Dragão* em 1983.

O RPG é um jogo diferenciado se analisarmos outros jogos que existem por aí. Utilizando-se das técnicas do teatro, tendo como elementos básicos: atores, que recebem o guia ou o roteiro, tendo marcadas e apresentadas suas ações, gestos e falas, enfim, todas as informações necessárias sobre seus personagens. O jogador/ator interpreta de acordo com o roteiro, previamente escolhido pelo mestre/narrador. Geralmente estes tipos de jogos consistem em trabalhar os aspectos da estratégia, regido por regras predeterminadas, para que o personagem possa chegar a vitória, passando por vários desafios. Um outro aspecto interessante, é que há possibilidades infinitas de encenação, pois no RPG não existe um final definitivo.

A crítica que se faz hoje a este tipo de jogo é a violência desencadeada pelos eventos narrados ou situações que beiram ao terror. A criação de determinados personagens, geram

uma quase perfeição, que determinados jogadores passam a adotar as características de seus personagens, ocasionando até processos obsessivos. Mas o que devemos defender é o aspecto criativo estimulado pelo jogo, dentro da perspectiva de técnicas dramáticas que visam ao desenvolvimento acadêmico, e o fato de que os jogadores/atores interpretam com facilidade e se divertem com esse tipo de jogo, considerado moderno e, por isso, valorizado.

Os jogos de RPGs avançaram muito com o avanço tecnológico, mas, dentro dessa evolução, ainda prevalecem quatro tipos básicos de jogos: o *live action*, em português “ação ao vivo”, este que se aproxima às técnicas do teatro, tabuleiro, de cartas, de computador ou *video games*.

A questão espacial e temporal, nesse recurso, não tem limites. Há temáticas que vão desde a Guerra de Tróia, passando pela Idade Média, até um futuro pós apocalíptico, lutas entre elfos, dragões, vampiros ou mesmo lobisomens. O imaginário criativo é despertado em todas as idades pelo fascínio e envolvimento nas aventuras narradas. Isso faz com que as capacidades encenativas impulsionem as mais diversas leituras.

Esta modalidade de jogo pode ser proposta dentro das escolas como recurso didático e estimulativo, desde que se escolha um tema e se construa um roteiro adequado para isso. O jogo/encenação seria melhor aproveitado principalmente pelo público adolescente, já que este tipo de clientela possui um contato maior com este tipo de prática e, de modo geral, sente-se desestimulado pela rotina escolar.

Considerações finais

O teatro na escola é acima de tudo um instrumento de aprendizagem. Como se pode perceber dentro deste estudo, esse tipo de técnica difere do teatro visto em outros espaços, pois não tem, obrigatoriamente, objetivo de promover espetáculo, nem tão pouco formar artistas. O trabalho cênico deve consistir em fazer com que o aluno saiba resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e, por consequência, ao social.

Atualmente, em algumas escolas, é exigido que o professor trabalhe com essas atividades seja formado na área de atuação e o espaço para essas disciplinas é assegurado em lei por meio das Leis de Diretrizes Básicas (LDBs). Existem também documentos que norteiam o trabalho com arte que são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em todas as suas modalidades, inclusive teatro, garantindo que em todas as escolas do Brasil haja o mínimo de atividades culturais nas escolas.

No entanto, permanece ainda o questionamento sobre o uso desse recurso no espaço educacional, tendo em vista a sua valorização enquanto arte, mas também enquanto didática de ensino, contrariando as pesquisas apresentadas sobre o tema, as quais comprovam os resultados positivos que o teatro despertou e ainda desperta naqueles que se envolvem nesse processo.

Por fim, fica como máxima de aplicação dessa técnica a consonância entre os dois autores citados, Reverbel e Dominguez, de que o mais importante não é o resultado, mas sim o processo de construção do espetáculo, mesmo que este seja apenas uma “brincadeira” de sala de aula.

Referências:

ARISTOTÉLES. **Arte poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

CAIXETA, Sandra Maria Bianchini. **Educação hoje**. Goiânia: Kelips, 1992.

COELHO, Paulo. **O teatro na educação**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1978.

DOMINGUEZ, José Antonio. **Teatro e educação: uma pesquisa**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1978.

MAGALDI, Sábado. **Iniciação ao teatro**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Editora Cultrix. 1987

REIN.HAGEN, Mark. **Vampiro: a máscara**. São Paulo: Devir Livraria LTDA, 1999.

REVERBEL, Olga. **O texto no palco**. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1993.

_____, Olga. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo: Editora Scipione LTDA. 1996.

Sites consultados:

http://www.rpgonline.com.br/o_que_e_rpg.asp Acessado em: junho de 2009.

<http://www.rederpg.com.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2676> Acessado em junho de 2009.